

CRITÉRIOS COMPORTAMENTAIS UTILIZADOS POR TÉCNICOS NA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ESPORTIVO DE FUTEBOLISTAS

HUGO CÉSAR REIS CÂMARA
JOÃO CARLOS ALCHIERI

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal-RN-Brasil
hugocrcamara@yahoo.com.br

Introdução

Na atualidade uma das maiores preocupações na área esportiva é identificar e selecionar talentos no futebol. Pois esse esporte gera recursos diretos ou indiretos para jogadores, clubes, meios de comunicação, marcas esportivas e seus patrocinadores. Sabe-se também que nos clubes profissionais, diariamente, chegam vários jogadores para tentar ser um jogador de futebol profissional, entretanto, a maioria dos clubes não apresenta um aspecto metodológico, sistemático e analítico para selecionar os jogadores promissores. Os processos seletivos (“peneiras” ou “peneirões”) desenvolvidos pelos observadores técnicos (“olheiros”) resumem-se na observação do desempenho esportivo de um grande grupo de jogadores em um período de tempo de alguns minutos dado a cada jogador. O problema que surge diante de tais fatos é: quais critérios são utilizados pelos técnicos de categorias de base para avaliar o desempenho esportivo de jovens futebolistas que almejam ser jogador de futebol?

Sabe-se que os padrões de comportamento e a organização da estrutura psicológica de cada indivíduo pode influenciar na *performance* do mesmo. Segundo Corrêa et al. (2002) “...em toda ação, presente em um jogo de futebol, existe um envolvimento psíquico, sendo esse consciente ou não” (p. 448). Segundo Vallerand e Colavecchio (1988) citado por Corrêa et al. (2002), a influência do Momento Psicológico (alteração positiva ou negativa nos aspectos cognitivos, emocionais, fisiológicos e comportamentais, causada por um acontecimento isolado ou uma série de acontecimentos) sobre o desempenho depende de variáveis situacionais e individuais, como o nível de ansiedade e de motivação, assim como da própria natureza da tarefa que está sendo executada. Dessa forma, o grau de facilidade e de dificuldade de uma ação esportiva também influencia o desempenho esportivo. Além disso, em um estudo realizado por Corrêa et al. (2002) em que foram entrevistados experientes em futebol (ex-jogadores, preparadores físicos, treinadores, jogadores em atividade) foram citados fatores que dizem respeito à influência da confiança, da motivação e da preparação psicológica no desempenho esportivo. Então, esse estudo propõe unir os aspectos comportamentais dos garotos e o seu desempenho em provas de habilidade para o futebol, procurando traçar uma inter-relação entre os dois aspectos e tentar responder a seguinte questão: Será que existe um padrão de comportamento comum aos garotos mais habilidosos? Sabe-se que as expectativas do treinador estão baseadas em suas próprias observações e confiança em determinadas características e habilidades que compõem o talento individual de seus comandados. Estas expectativas criadas auto-afirmam o êxito para futuros desempenhos.

Nesse trabalho, considerar-se-á talento esportivo o indivíduo que por meio de suas condições herdadas e adquiridas, possui uma aptidão especial para o desempenho esportivo, acima da população em geral (Böhme, 1999; citado por Silva, 2003). Os traços psicológicos - definidos geneticamente na pessoa denominada talentosa - também fazem parte da análise, já que atuam como co-formadores das capacidades motoras, conferindo-lhes a estabilidade psicossomática requerida para a prática do esporte competitivo (Prudêncio, 2006). A seleção de talentos nos esportes é recomendada por muitos autores (Bompa, 2002; Filin & Volkov, 1998; Gomes, 2002; Moskotova, 1997; Torreles & Alcaraz, 2003) e treinadores. Pois se sabe que quando tal seleção existe, de forma criteriosa, em um clube esportivo ou escola esportiva, as chances de se encontrarem atletas excepcionais aumentam inúmeras vezes quando comparada a observação pura e simples. Uma característica particular do atual período de desenvolvimento dos esportes é a busca universal, cientificamente fundamentada,

de jovens talentosos, os quais muitas vezes são capazes de receber grandes cargas de treinamento e elevados ritmos de aperfeiçoamento desportivo (Filin & Volkov, 1998).

Com a seleção das crianças e dos adolescentes nas escolas esportivas, o processo pedagógico é de grande importância, e sua etapa inicial predetermina todo o processo posterior do aperfeiçoamento esportivo. (Filin & Formin, 1980; citado por Gomes, 2002). A prática evidencia que elevadas realizações esportivas mostram indivíduos que possuem uma combinação ótima em determinadas características: uma perfeição indiscutível de capacidades especiais que dá ao esportista uma significativa vantagem em relação a outros colegas multifacetadamente desenvolvidos, mas sem nenhuma característica especial em destaque. (Nikolic & Paranosic, 1984; citado por Moskotova, 1997). Diante das evidências científicas e da problemática apresentadas, esse estudo propõe, identificar e caracterizar os critérios utilizados por técnicos das categorias de base do Rio Grande do Norte.

Material e Método

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo transversal, com grupo único, de campo, observacional, diagnóstico e de caráter censitário. Só poderiam participar do estudo, técnicos que entre os anos de 2007 e 2009 treinaram clubes de futebol em campeonatos estaduais do Rio Grande do Norte em uma das 4 (quatro) categorias de base (sub-13 ou mirim, sub-15 ou infantil, sub-17 ou juvenil e sub-20 ou juniores) do Estado. Participaram 46 (quarenta e seis) técnicos, com médias de idade e tempo de experiência como técnico, respectivamente iguais a 43,4 anos e 10,6 anos e desvios-padrão, respectivamente iguais a 11,74 anos e 8,20 anos de um total de 54 (cinquenta e quatro possíveis), mas os 8 (oito) não foram localizados (não-resposta). O questionário continha questões abertas (tempo de experiência como técnico, tempo de experiência como técnico no clube, dentre outras), fechadas dicotômicas. Além de conseguir algumas entrevistas indo aos locais dos jogos do campeonato estadual sub-15 de futebol do ano de 2009, o qual teve início em abril do mesmo ano. As entrevistas foram realizadas em dupla, sendo composta por um entrevistador e uma auxiliar, com exceção de uma entrevista realizada por telefone. Como o estudo pôde ser considerado censitário, não foi necessário realizar testes estatísticos para verificar a possível generalização da amostra para a população. Então a inferência foi realizada com base nas estatísticas descritivas tabuladas em números e em percentuais.

Resultados e discussão

Os principais aspectos relativos aos resultados dos instrumentos estão apresentados abaixo, onde verifica-se (tabela 1) as faixas etárias dos 46 técnicos entrevistados.

Tabela 1 - Número de técnicos por faixa etária

Faixas Etárias	f	F%
20 - 29	7	15,2
30 - 39	10	21,7
40 - 49	15	32,6
50 - 59	10	21,7
60 ou mais	4	8,7
TOTAL	46	100

A tabela abaixo demonstra a escolaridade em níveis referidos pelos técnicos.

Tabela 2 – Número de técnicos por nível de escolaridade

Escolaridade	f	f%
Fundamental Incompleto	5	10,9
Fundamental Completo	6	13,0
Médio Incompleto	5	10,9
Médio Completo	16	34,8
Superior Incompleto	3	6,5

Superior Cursando	5	10,9
Superior Completo	4	8,7
Especialização	2	4,3
TOTAL	46	100

A tabela 3 permite visualizar que há duas gerações bem definidas de técnicos no Rio Grande do Norte. A primeira é a dos veteranos, que ainda é a maior parcela, com 20 técnicos possuindo mais de 10 anos de experiência. E a segunda, com uma parcela significativa, 16 técnicos possuindo entre 3 e 6 anos de experiência.

Tabela 3 – Número de técnicos por tempo de experiência

Tempo de Experiência como técnico (anos)	f	f%
Menos de 3	4	8,7
Entre 3 e 6	16	34,8
Entre 7 e 10	6	13,0
Mais de 10	20	43,5
TOTAL	46	100

Então, como se verificou apenas 6 (seis) dos 46 (quarenta e seis) técnicos tinham curso superior concluído (sem ou com especialização) decidiu-se investigar sobre a legalidade do exercício profissional, onde dos 46 (quarenta e seis) técnicos entrevistados, 2 (dois) apresentam-se registrados como graduados e 5 (cinco) apresentam-se registrados como provisionados no Sistema CONFEF/CREFs. O que faz com que os resultados sejam ainda mais preocupantes tendo em vista a possível deficiência em conhecimentos que esses profissionais possam ter.

Tabela 4 – Número de técnicos e registro profissional (CONFEF/CREFs)

Regularização Profissional	f	f%
Não tem	39	84,8
Provisionado	5	10,9
Graduado	2	4,3
TOTAL	46	100

Dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência (tabela 5), 2 descreveram a estatura como um aspecto da característica condição física a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 1 a impulsão vertical, 1 a massa muscular, 2 o percentual de gordura, 2 a resistência e 3 a velocidade; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 11 descreveram a estatura, 4 a impulsão vertical, 6 a massa muscular, 3 o percentual de gordura, 11 a resistência e 12 a velocidade; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, 5 descreveram a estatura, 4 a impulsão vertical, 3 a massa muscular, 1 o percentual de gordura, 3 a resistência e 5 a velocidade; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 11 descreveram a estatura, 7 a impulsão vertical, 8 a massa muscular, 4 o percentual de gordura, 10 a resistência e 14 a velocidade.

Tabela 5 - Número de técnicos por tempo de experiência e condição física

		Estatura	Impulsão vertical	Massa muscular	Percentual gordura	Resistência	Velocidade
Experiência como técnico (anos)	< 3	2	1	1	2	2	3
	3 a 6	11	4	6	3	11	12
	7 a 10	5	4	3	1	3	5
	> 10	11	7	8	4	10	14
TOTAL		29	16	18	10	26	34

Na tabela 6, é possível visualizar que a motivação só não foi descrita como importante, pela maioria, na categoria dos técnicos com experiência entre 7 e 10 anos.

Tabela 6 - Número de técnicos por tempo de experiência e motivação

		Sim	Não
Experiência como técnico (anos)	< 3	4	0
	3 a 6	15	1
	7 a 10	3	3
	> 10	17	3
TOTAL		39	7

Observa-se (tabela 7), que dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, nenhuma descreveu os contatos sociais como um aspecto da característica afiliação a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, o que revela que o aspecto da característica afiliação mais importante, independente dos tempos de experiência dos técnicos, é a percepção das relações com os demais nas atividades profissionais, ou seja, há uma maior preocupação com o coletivo ou coletividade dentro de campo que fora dele.

Tabela 7 - Número de técnicos por tempo de experiência e afiliação

		Contatos Sociais	Percepção das relações com os demais nas atividades profissionais
Experiência como técnico (anos)	< 3	0	2
	3 a 6	4	5
	7 a 10	1	1
	> 10	6	8
TOTAL		11	16

Na tabela 8, é possível visualizar que dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, todos descreveram o respeito aos colegas de clube como um aspecto da característica comportamento a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 3 o respeito aos horários e todos descreveram o respeito à comissão técnica; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 15 descreveram o respeito aos colegas de clube como um aspecto da característica comportamento a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 15 o respeito aos horários e todos descreveram o respeito à comissão técnica; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, todos descreveram o respeito aos colegas de clube como um aspecto da característica comportamento a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, todos o respeito aos horários e todos descreveram o respeito à comissão técnica; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, todos descreveram o respeito aos colegas de clube como um aspecto da característica comportamento a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 17 o respeito aos horários e todos descreveram o respeito à comissão técnica. O que revela que o respeito à comissão técnica foi o aspecto mais descrito em todas as faixas de tempo de experiência, chegando à unanimidade em todas as categorias de tempo de experiência.

Tabela 8 - Número de técnicos por tempo de experiência e comportamento

		Respeito aos colegas	Respeito aos horários	Respeito à comissão técnica
Experiência	< 3	4	3	4

como técnico (anos)	3 a 6	15	15	16
	7 a 10	6	6	6
	> 10	20	17	20
TOTAL		45	41	46

É possível observar na tabela 9 que dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, nenhum descreveu o chute como um aspecto da característica habilidade a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 1 a condução, 1 o controle, nenhum o domínio, 2 o drible e 2 o passe; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 7 descreveram o chute, 11 a condução, 11 o controle, 12 o domínio, 10 o drible e 15 o passe; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, 5 descreveram o chute, 4 a condução, 4 o controle, 3 o domínio, 6 o drible e todos o passe; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 19 descreveram a estatura, 14 a condução, 13 o controle, 19 o domínio, 13 o drible e todos o passe. O que revela que o passe foi o aspecto mais descrito em todas as faixas de tempo de experiência, chegando à unanimidade em 2 categorias de tempo de experiência.

Tabela 9 - Número de técnicos por tempo de experiência e fundamentos técnicos

		Chute	Condução	Controle	Domínio	Drible	Passe
Experiência como técnico (anos)	< 3	0	1	1	0	2	2
	3 a 6	7	11	11	12	10	15
	7 a 10	5	4	4	3	6	6
	> 10	19	14	13	19	13	20
TOTAL		31	30	29	34	31	43

Na tabela 10, vê-se que todos descreveram o deslocamento da bola como um aspecto da característica visão de jogo a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base e 2 descreveram o deslocamento do companheiro como aspecto importante para tal processo; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 10 descreveram o deslocamento da bola e todos o deslocamento do companheiro; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, 4 descreveram o deslocamento da bola e todos o deslocamento do companheiro; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 16 descreveram o deslocamento da bola e 19 o deslocamento do companheiro.

Tabela 10 - Número de técnicos por tempo de experiência e visão de jogo

		Deslocamento da bola	Deslocamento do companheiro
Experiência como técnico (anos)	< 3	4	2
	3 a 6	10	16
	7 a 10	4	6
	> 10	16	19
TOTAL		34	43

Sobre a experiência e aspectos tático defensivos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, todos descreveram a antecipação como um aspecto tático defensivo a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, 2 a cobertura, 2 o desarme e 2 a marcação; dos 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 14 descreveram a antecipação, 9 a cobertura, 12 o desarme e 13 a marcação; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, 4 descreveram a antecipação, 5 a cobertura, 4 o desarme e 5 a marcação; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 15 descreveram a antecipação, 15 a cobertura, 16 o desarme e 18 a marcação. Apesar da pouca diferença numérica, que as 2 categorias com menos tempo de experiência descreveram a antecipação como sendo o

aspecto tático defensivo mais importante, diferentemente das 2 categorias com mais tempo de experiência, que descreveram como aspecto tático defensivo mais importante a marcação. Dos 4 técnicos com menos de 3 anos de experiência, 2 descreveram a assistência como um aspecto tático ofensivo a ser levado em consideração no processo seletivo de futebolistas das categorias de base, todos a criatividade, 1 a desmarcação, 2 o drible progressivo e 3 o preenchimento dos espaços vazios; 16 técnicos com experiência entre 3 e 6 anos, 14 descreveram a assistência, 15 a criatividade, 7 a desmarcação, 10 o drible progressivo e 11 o preenchimento dos espaços vazios; dos 6 técnicos com experiência entre 7 e 10 anos, 3 descreveram a assistência, 5 a criatividade, 3 a desmarcação, 3 o drible progressivo e 5 o preenchimento dos espaços vazios; e dos 20 técnicos com mais de 10 anos de experiência, 14 descreveram a assistência, 17 a criatividade, 17 a desmarcação, 15 o drible progressivo e 17 o preenchimento dos espaços vazios.

Conclusões

Em relação ao perfil sócio-profissional pôde-se constatar que a idade da maioria (76%) dos técnicos das categorias de base do tem entre 30 e 59 anos de idade, demonstrando certa maturidade, possui nível médio completo e não possui registro profissional junto ao Sistema CONFEF/CREFs. Em relação aos critérios comportamentais utilizados pelos técnicos das categorias de base do RN, constatou-se que a característica de maior importância, segundo os entrevistados foi o comportamento, que teve mais de 89% em seus 3 aspectos, chegando à unanimidade de respostas dos técnicos no aspecto respeito à comissão técnica e a 97,8% no aspecto respeito aos colegas de clube; a segunda característica considerada mais importante, quando analisados os resultados, foi a motivação, a qual contou com 84,8% dos técnicos a descrevendo como importante no processo de seleção de jovens futebolistas nas categorias de base; a terceira foi a habilidade, com todos os aspectos sendo descritos por mais de 63% dos técnicos entrevistados; a quarta foi a condição física, com 3 dos 6 aspectos sendo descritos por mais de 56% dos técnicos e a quinta e última foi a afiliação, cujo aspecto mais descrito foi a percepção das relações com os demais nas atividades profissionais que obteve 34,8% das respostas dos entrevistados, demonstrando que a maioria dos treinadores não dá importância ao fator grupo ou coletivo nem dentro nem fora de campo para selecionar os jovens futebolistas.

Palavras-chave. Futebol, Avaliação, Desempenho Esportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, J. A. **Psicologia do Esporte para o atleta de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

BECKER JUNIOR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Nova Prata, 2000.

CÂMARA, H. C. R.; LIPAROTTI, J. R.; BARROS, M. V. G. de. **Reprodutibilidade de testes de habilidade de Câmara para seleção de talentos no futebol**. Recife: Artigo entregue na defesa Especialização, 2006.

COLEGIO OFICIAL DE PSICÓLOGOS. **Perfiles Profesionales del deporte. Psicología de la Actividad Física e Del Deporte**. Madrid. Espanha, s/d.

CORRÊA, D. K. de A.; ALCHIERI, J. C.; DUARTE, L. R. S.; STREY, M. N. **Excelência na produtividade: a performance dos atletas de futebol profissional**. Psicologia: reflexão e crítica. 15(2). p. 447-460. Porto Alegre: 2002.

COZAC, J. R. L. **Psicologia do Esporte**: clínica, alta performance e atividade física. São Paulo: Annablume, 2004.

FILIN, V. P. & VOLKOV, V. M. **Seleção de talentos nos desportos**. Tradução: Antônio Carlos Gomes e Edson M. G, 1998.

GOMES, A. C & ERICHSEN, O. A. Preparação de futebolistas na Infância e Adolescência in In: T. L. de Barros & I. GUERRA (Orgs). **Ciência do Futebol** (pp. 241-275). São Paulo: Manole, 2004.

LEONHARDT, L. (2003). O Psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol In K. RUBIO (Org.). **Psicologia do Esporte Aplicada** (pp. 141-153). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LIPAROTTI et al. Estudo Morfológico de Futebolistas Universitários Brasileiros (pp. 192-192). In Anais, **III Simpósio Internacional em Treinamento Desportivo**. João Pessoa: Idéia, 2002.

LOPEZ, E. M. Y.; SILVA, A. R. da. **Futebol e Psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MELO, R. S. de. (1997). **Qualidades físicas e psicológicas e exercícios técnicos do atleta de futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MOSKOTOVA, A. K. (1997). **Fisiologia**: seleção de talentos e prognóstico das capacidades motoras. Tradução: Guiorgui Melnikov, Adaptação técnica e científica: Antônio Carlos Gomes e Paulo Roberto de Oliveira. Jundiaí: Ápice, 1997.

PASQUALI, L. (Org). **Instrumentos Psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP, 1999.

PRATES, U. A. (2005). **Futebol Infanto-juvenil**: preparação de atletas para testes. São Paulo: Musa, 2005.

PRUDÊNCIO, N. **Salto triplo**: o sistema de preparação do desportista – da detecção à promoção do talento. Tese de doutorado. Campinas. (pp. 173), 2006.

SAMULSKI, D. M. Psicología del deporte aplicada al alto rendimiento (pp. 12-33). In Anais, **I Congresso de la Sociedade Iberoamericana de Psicología del Deporte**, 2006, Guadalajara, Jalisco, México (2006). CD, 2006.

SAMULSKI, D. M.. **Psicologia do Esporte**: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, D. M. (2002). **Psicologia do Esporte**: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002.

SHAW, D. F.; GORLEY, T.; CORBAN, R. M. (2005). **Instant Notes Sport and Exercise Psychology**. Oxon, UK: Garland Science/BIOS Scientific Publishers, 2005.

SILVA, L. R. R. Et al. A utilização de variáveis cineantropométricas no processo de detecção, seleção e promoção de talentos no voleibol. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, 11 (1), 69-76, 2003.

SILVA, T. C. Revelação de talentos no futebol brasileiro: do senso comum instintivo à metacognição. **Revista de Educação Física**. n. 130, 56-66, 2005.

SIMÕES, R. **Teoria de Grupo no Esporte in Psicologia dos Esportes**. São Paulo: Atlas, 1973.

WAENY, de M. F. C; AZEVEDO, M. L. B. de. [online] [acesso em 11 de abril de 2009]
Disponível em:
http://www.crsp.org.br/crp/memoria/pioneiros/carvalhaes/fr_carvalhaes_artigo.aspx

WEINECK, E. J. **Futebol Total: o treinamento físico no futebol**. São Paulo: Phorte, 2000.

Rua Cônego Leão Fernandes, 555, Petrópolis, Natal/RN. CEP: 59020-060
(84) 9124-8396 / 8805-9809
hugocrcamara@yahoo.com.br